

IMAGENS RELIGIOSAS EM IDOSOS: Um estudo sobre a angústia diante do tempo e da morte

Eunice Simões Lins Gomes - UFPB¹
Bárbara H. N. dos Santos - UFPB²

RESUMO A experiência religiosa pode ser uma forma de compensação para a pessoa em estado de velhice. Buscamos identificar as imagens religiosas presentes nos idosos do grupo “Rede da Melhor Idade”, e analisar de que maneira estas imagens interferem diante da angústia do tempo e da morte. A pesquisa foi descritiva de campo e como resultado a imagem de Cristo/Deus foi determinante, sendo importante ter fé e buscar ajuda em Deus.

Palavras-chave: velhice; religiosidade.

ABSTRACT The religious experience can be a form of compensation to the person in old age state. This Study aimed to understand the religious images in a group of elderly "Senior group", and analyze how these images have an affect on the anguish of time and death. The research was based on the descriptive field and as a result we got the crucial importance of the image of Christ / God and also the meaning of the faith in God and the seeking for help.

Keywords: senior age; religiousness.

INTRODUÇÃO

Há uma dificuldade conceitual quando tratamos de termos relacionados ao idoso. Comumente se faz confusão entre velhice, envelhecimento, terceira idade, melhor idade. O envelhecimento não é condição particular dos idosos, e sim um processo que se inicia desde as nossas primeiras horas de existência e se sucede continuamente ao longo de nossas vidas. De acordo com Okuma (1998, p. 12), “o envelhecimento é, sem dúvida, um processo biológico cujas alterações determinam mudanças estruturais no corpo e, em decorrência,

¹ Prof^a Pós Dr^a no Departamento de Ciências das Religiões - DCR e no programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões - PPGCR da UFPB. Email euniceslgomes@gmail.com Líder do grupo de estudo e pesquisa em Antropologia do Imaginário – GEPAI [http:// www.gepai.com.br/](http://www.gepai.com.br/)

² Licenciada em Ciências das Religiões - UFPB.

modificam suas funções”. Este processo está associado ao desenvolvimento orgânico natural do nosso corpo, ocasionando mudanças estruturais.

A velhice e suas implicações

A velhice diz respeito a uma fase específica da vida, pois os “[...] sinais e sintomas físicos e mentais da velhice, só se manifestam de forma clara a partir de determinada idade” (JACOB, 2002, p. 4). A velhice é calculada não a partir do ano em que se nasce, mas tendo a morte como referência, o que acontece de forma inversa com o envelhecimento. Este cálculo não é uma tarefa simples. Não é somente a idade cronológica que determinará a velhice, há uma totalidade de fatores que devem ser considerados. A velhice é simultaneamente um fenômeno biopsíquico e sociocultural, necessitando de uma contextualização histórica.

Porém, Loureiro (2000, p. 24), não considera a velhice como uma situação, “[...] mas, sim, uma diversidade de situações da realidade do velho”. A Organização das Nações Unidas prioriza o uso da nomenclatura *terceira idade*, transmitindo a ideia de que este seja o último terço da vida. É possível ainda perceber uma tendência pela eufêmica utilização de *melhor idade* em detrimento do termo *terceira idade*.

O termo *idoso* oficialmente é utilizado pela Ordem Mundial de Saúde e também em nível institucional e estatal em nosso país, sendo considerada idosa a pessoa com idade de sessenta anos para países em desenvolvimento e de terceiro mundo, e, para países desenvolvidos, a idade de sessenta e cinco.

Imagens religiosas

Selecionamos o grupo de idosos “Rede da Melhor Idade” que se reúnem semanalmente na instituição religiosa *Igreja Batista*, e funciona aproximadamente há cinco anos. Possuindo em média oito idosos, sendo homens e mulheres na faixa etária entre sessenta e setenta e dois anos.

Pressupomos que a condição de atribuir significado e sentido às coisas é naturalmente humana. O homem imagina, cria, nomeia, modifica a realidade em busca de representações da sua existência. Com o conhecimento racional o homem dialoga com dogmas, ensino, preceitos que caracterizam a parte institucionalizada e, por tanto, visível da religião. Por outro lado, com seu conhecimento simbólico, ele experiencia os mistérios da espiritualidade, diz respeito ao transcendente, que na vivência religiosa adquire expressão vital, é nesta ambiência que se torna possível o encontro com o *numinoso*¹. Sendo então, ao mesmo tempo constituídos de imanência e transcendência, de razão e imaginação.

Compreendendo que as dimensões real e imaginária não se contrapõem, na verdade, o real é constituído socialmente, é a interpretação que os homens atribuem à realidade e isso se

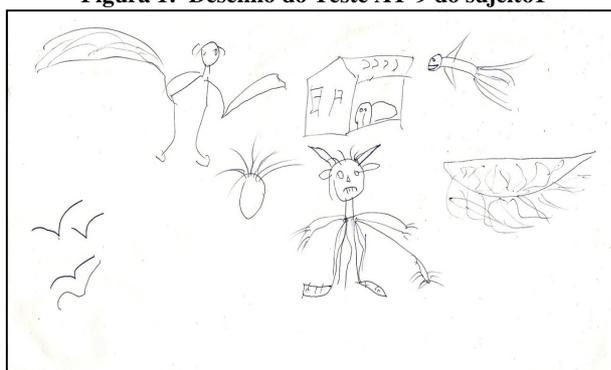
dá no nível do imaginário por meio de constantes trocas entre as objetivações e as subjetivações. Esta relação simbiótica dos imperativos biopsíquicos e das intimações do meio cósmico e social é justamente o que G. Durand (2002, p.41) chama por *trajeto antropológico*. Seleccionamos para nossa análise a Teoria do Imaginário por se aproximar do mito, como método, a fim de retomar a descrição do social em seu “caráter vital” (GOMES, 2011), pois vai contra ao espírito cientificista da modernidade com seus princípios epistemológicos e regras metodológicas que excluem a sensibilidade e a imagem.

O Imaginário envolve o conjunto de imagens e de relações de imagens. Pode ser identificado por símbolos que estão no inconsciente e que podem ser descobertos através das formas em que as pessoas se expressam, inclusive quando submetidas ao Arquetípico Teste dos Nove elementos de Yves Durand (1988) que utilizamos em nossa pesquisa.

O AT-9 é composto por nove estímulos arquetípicos: queda, espada, refúgio, monstro devorador, algo cíclico, personagem, água, animal, e fogo. Estes elementos indicarão o imaginário do sujeito-autor do teste, em seu trajeto antropológico. O teste possui quatro etapas, um desenho, uma história, um breve questionário relativo à estória elaborada, e um quadro que deverá ser preenchido identificando a forma como cada um dos nove elementos foi representado, quais funções eles desempenharam e quais seus simbolismos apresentados na estória. Estas duas últimas etapas servem de auxílio na análise do universo mítico apresentado em cada protocolo.

Análise de um protocolo AT-9

Figura 1: Desenho do Teste AT-9 do sujeito1



Sobre seu desenho, a sujeito1 contou a seguinte estória:

A queda de Adão, porque Deus nos criou para ser imagem e semelhança e não cairmos como Adão. Mas Deus nos resgatou com a personagem de Cristo maravilhoso que nos adotou e nos deu refúgio com a sua palavra, nos trazendo o Espírito Santo com sua espada, com água que lava nossas almas e o fogo que queima nossos pecados através da misericórdia de Deus, o qual destruiu o monstro devorador. Nosso Deus nos deu pássaros para nos alegrar e peixes para nos alimentar nos deu todos os animais.

Este protocolo nº1 é referente à sujeito1 de nossa pesquisa, uma senhora aposentada que assumiu a direção do grupo pesquisado, a “Rede da Melhor Idade”, há cinco anos e formatou-o junto a outros irmãos idosos nesta liturgia como funciona atualmente. Ela possui o segundo grau completo e exerceu a profissão de cabeleireira. Além de dirigente do grupo, a sujeito1 exerce a função de diaconisa na instituição religiosa, vínculos estes que se evidenciam na visão de forma institucionalizada que possui da religiosidade, aparente em seu protocolo1.

Foi possível identificar uma repetição clara do tema da separação e purificação que localizam as imagens da sujeito1 no regime diurno, de acordo com G. Durand (2002), e na estrutura de sensibilidade heroica. O personagem Cristo é representado no desenho de forma vertical impondo a espada, que simboliza salvação (purificação), sendo apresentado como o “maravilhoso” herói que liberta, resgata os homens (separa), lava com água, limpa com fogo e traz a purificação dos pecados.

A posição do “personagem” em relação aos elementos “espada”, “refúgio” e “algo cíclico” são importantes para a identificação do universo mítico. Neste caso, o personagem está próximo à espada, mas também se encontra próximo ao refúgio, que graficamente foi produzido em forma de casa, ou seja, está próximo ao símbolo de intimidade. Portanto, de acordo com o relato e quadro preenchido, o refúgio é uma segunda representação do Cristo, que tem a função de resgatador, é aquele que adotou os homens para si. A noção de resgate e adoção é forte na figura messiânica de Jesus Cristo, vale aqui trazer uma passagem bíblica que nos servirá de referência para este pensamento:

Dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz; o qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor; em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados; o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação. (Cl. 1:12-15- BÍBLIA ALMEIDA).

A noção de resgate e adoção no Cristianismo nos remete a ideia de separação, própria do regime diurno, o Cristo transportou os homens de um estado ou lugar para outro, simbolizando a saída para a vida em paz e de bem-estar, simbolismo característico de um microuniverso heroico. Entretanto, a representação da casa remete à estrutura de sensibilidade mística, pois o elemento refúgio aparece como símbolo de recolhimento para um lugar protetor, o Cristo aqui assume esse lugar de intimidade, morada, utensílio continente e recipiente, remete ao imaginário de repouso.

Em contraste, o personagem também é localizado próximo ao monstro devorante, contribuindo para a ideia de combate. É preciso observar que no desenho o monstro aparece só de forma representativa, pois de acordo com o relato, o confronto já aconteceu e o monstro já foi destruído por Cristo. Sendo agora o “perdedor”, o monstro é figura de Satanás para o sujeito-autor deste protocolo.

Quanto ao medo da morte, este é desvelado, de forma geral, através do elemento “monstro devorador”. Neste protocolo nº1, o medo é suavizado quando a sujeito1 indica a destruição do monstro “perdedor”. Os demais elementos aparecem como auxiliares na identificação do universo: a água é heroica, é água de purificação e limpeza do pecado; o pássaro é um animal símbolo da ascensão (asa), e tem no protocolo nº1 a função de alegrar; o fogo também é purificador, simboliza a libertação e queima o pecado.

Como o elemento “queda” é mais que arquétipo, ele é um *schème*, uma generalização dinâmica e afetiva da imagem, que indica a angústia humana diante do tempo e da morte, podemos perceber de acordo com a análise efetuada que a queda foi eliminada, atenuando o medo do tempo e da morte, este elemento vem fazer referência também ao pecado original, abordado no mito da Criação do Antigo Testamento bíblico. A sujeito1 também aponta uma solução para a queda angustiante: “se não houvesse o personagem de Cristo, todos nós havíamos caído” (*sic*). Assim a imagem de Cristo é daquele que venceu a morte e consequentemente nos livrou dela.

O final acontece de forma apaziguadora, com Deus estando no controle de todas as coisas, e com a sujeito1 protegida, “nos braços do Senhor”, “andando sobre as águas”, referência à fé do Apóstolo Pedro, quando andou sobre as águas do mar em direção ao Cristo. Desse modo, a partir do desenho e da história do sujeito-autor deste protocolo nº 1, é possível identificá-lo no universo mítico-heroico de forma positiva, com a mistura entre símbolos místicos e heroicos diminuindo a tensão, assim atualiza-se no microuniverso heroico-impuro.

Considerações Finais

Quais imagens religiosas dos idosos do grupo “Rede da Melhor Idade” e de que maneira estas imagens interferem no processo de envelhecimento diante da angústia do tempo e da morte? Esta resposta foi sendo traçada em cada etapa de nossa investigação. Com o auxílio do teste AT-9, localizamos o tipo de estrutura que polariza as imagens religiosas do grupo e identificamos os microuniversos míticos destas, estes indícios e configurações de latência nos levaram à paisagem mental do grupo de idosos, ou segundo Paula Carvalho (1990), ao “conjunto dos suportes sensíveis (as percepções) linguísticos (as palavras e a sintaxe) e conceituais que sustentam os modos de pensar” (*apud* LOUREIRO, 2004, p. 53).

Consideramos que a paisagem mental religiosa do grupo de idosos analisado apresentou-se de forma diversificada, tendeu à estrutura heroica, mesmo que combinada com o simbolismo místico. O imaginário apareceu predominante de forma estruturada. Houve, no entanto, uma forte tendência à Vida.

A “queda” angustiante apareceu unânime. Observamos o modo de pensar e agir diante da angústia do tempo e da morte, que é desvelado de forma geral pelo “monstro” da temporalidade. A ação do monstro apareceu na figura de Satanás, e a destruição do monstro, foi protagonizada pelo personagem Cristo/Deus. Indicando a superação da questão da temporalidade e da morte através da crença na ação de Deus, o qual lhes concedeu, como resposta à morte causada pelo monstro, uma vida de eternidade espiritual.

Com isto, é possível responder que houve uma relação direta entre a religiosidade dos sujeitos-autores e as soluções das composições. A figura de Cristo/Deus foi determinante para o fechamento dos relatos, apareceu de forma apaziguadora, é lugar de refúgio, e a fé na ação de Deus apareceu como ponto de apoio para o momento da queda angustiante.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA. Edição rev e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FRANÇA, Lucia Helena. **Repensando aposentadoria com qualidade**: um manual para facilitadores de programas de educação para aposentadoria. Rio de Janeiro: CRDE UnATI UERJ, 2002.
- GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes**: quando a imaginação molda o social. 2 ed. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011.
- JACOB, Luis. Ajudante Sênior: **Uma hipótese de perfil profissional para IPSS**. Lisboa: [s.n.], 2000-2002. 3v. . Tese de mestrado em políticas de desenvolvimento de recursos humanos, instituto superior de ciências do trabalho e da empresa - ISCTE, 2002.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte**. Brasília: EdUnB, 2000.
- _____. (Org.). **O velho e o aprendiz**: o imaginário em experiências com o AT-9. São Paulo: Zouk, 2004.
- OKUMA, Silene Sumire. **O Idoso e a atividade física**. Campinas: Papyrus, 1998.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **As rugas no tempo da ficção**. Cadernos IPUB, Rio de Janeiro: IPUB/UFRJ, n. 10, 1999.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. A pesquisa sobre o imaginário no Brasil: percursos e percalços. In: Danielle Perin Rocha Pitta. (Org.). **Ritmos e Imaginário**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2005, p. 109-123.